

**UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE A NOÇÃO DAS REMINISCÊNCIAS DO
PROTAGONISTA E A TEMPORALIDADE NO ROMANCE THE REMAINS OF THE
DAY**

***AN INVESTIGATION INTO THE NOTION OF REMINISCENCES OF THE
PROTAGONIST AND TEMPORALITY IN THE NOVEL THE REMAINS OF THE
DAY***

Henrique de Oliveira Lee
Doutor em Estudos Literários
Universidade Federal do Mato Grosso
(holiveiralee@gmail.com)

Ângela Tavares Nates Moreira
Graduação em Letras – Língua e Literaturas de Língua Inglesa
Universidade Federal do Mato Grosso
(angelatavares17@hotmail.com)

RESUMO: Esta pesquisa se propõe a analisar a obra *The Remains of The Day*, de Kazuo Ishiguro, originalmente publicada em 1989. No Brasil, possui título traduzido para o português Os Resíduos do dia e Vestígios do dia. Este estudo pretende investigar o modo como as representações da temporalidade se expressam na narrativa. Sob a perspectiva da noção de “reminiscências”, a análise reflete sobre as tomadas de decisões do personagem protagonista na própria jornada, bem como sobre os conflitos interiores. Para tanto, os subsídios teóricos de Santos & Oliveira (2001), Nunes (2003) e Rushdie (1991) foram de fundamental relevância para interpretação desse romance. Em suma a sessão analítica permitiu identificar as amarguras e arrependimentos tardios de Mr. Stevens no final da narrativa em relação a sua trajetória. Mesmo percebendo os erros que cometeu pela obediência cega ao seu primeiro patrão, Mrs. Stevens termina reconhecendo as oportunidades perdidas e a frustração amorosa.

Palavras-chave: Temporalidade; Narrativa; Protagonista; Reminiscências

ABSTRACT: This research aims to analyze the work *The Remains of The Day*, by Kazuo Ishiguro, originally published in 1989. In Brazil, the title was translated into Portuguese as *The Residues of the Day* and *Vestiges of the Day*. This study aims to investigate how the representations of temporality are expressed in the narrative. From the notion of "reminiscences", the analysis reflects on the decision-making of the protagonist on his journey as well as on inner conflicts. In order to do so, the theoretical basis of Santos & Oliveira (2001), Nunes (2003) and Rushdie (1991) are essential to interpret the novel. In sum, the analysis section shows the late sorrows and regrets of Mr. Stevens at the end of the narrative regarding his journey. Even realizing the mistakes he made about blind obedience to his first employer, Mrs. Stevens ends up recognizing his missed opportunities and love frustration.

Keywords: Temporality; Narrative; Protagonist; Reminiscences

O romance *The Remains of the day* (1989), objeto de estudo deste trabalho, é narrado em primeira pessoa pelo protagonista Stevens, mordomo da mansão Darlington Hall. Em memórias de uma viagem que empreendeu ao Oeste,

ele nos permite olhar a obra por dois ângulos temporais distintos – o presente e o passado. A narrativa é estruturada em oito partes,¹ todas baseadas na trajetória de Mr. Stevens ao longo dos seis dias de viagem.

Mr. Stevens começa narrando a história no presente, descrevendo uma viagem que está realizando em uma das poucas férias que ele já tivera. Enquanto dirige o carro de Mr. Farraday para o Oeste, ele contempla o passado – os seus dias trabalhando para um homem influente durante o período entre guerras –, enquanto também pensa em uma pessoa que ele está prestes a ver no final de sua jornada: a governanta Miss Kenton.

Segundo Luís Alberto Brandão Santos & Silvana Pessoa de Oliveira (2001), narrativas feitas por narradores-personagem são consideradas “visão com”. Em outras palavras, ele é um narrador que tem maior conhecimento sobre a trama do que os outros personagens envolvidos. Para os autores, “neste tipo de literatura, o narrador é autodiegético (GENETTE, 1976), ou seja, relata as suas próprias experiências como personagem central da história” (SANTOS & OLIVEIRA, 2001, p.07).

Tomando esses autores como referência, Stevens é classificado como narrador protagonista - pois relata a trama ao longo da obra. Tudo o que é dito ao longo da narrativa, o é feito pela voz do personagem. Apoiando-se nestas teorias, Stevens é um sujeito ficcional, pois também é habitante do universo imaginado por Kazuo Ishiguro.

Assim, pode-se pensar que existem dois níveis de enunciação – um ficcional, cujo sujeito, em *The Remains of the day*, é Stevens; e um nível não-ficcional – cujo sujeito é Kazuo Ishiguro. Desse modo, a voz de Mr. Stevens está contida na voz de Ishiguro, mas não corresponde a ela, pois a voz do narrador não é a voz do autor, apesar de haver muitas semelhanças entre elas. Desse modo, “é preciso lembrar, no entanto, que as vozes do narrador e das personagens soam através de uma outra voz que as articula em um conjunto. Essa voz, agregadora mas múltipla, é a voz do autor”. (SANTOS & OLIVEIRA, 2001, p.3-4)

¹ A viagem: **Prólogo** – Julho de 1956 – Darlington Hall; **Primeiro dia** – noite – Salisbury; **Segundo dia** – manhã – Salisbury; **Segundo dia** – tarde – Mortimer’s Pond, Dorset; **Terceiro dia** – manhã – Taunton, Somerset; **Terceiro dia** – noite – perto de Tavistock, Devon; **Quarto dia** – tarde – Little Compton, Cornualha e **Sexto dia** – noite – Weymouth.

Algo semelhante é demonstrado em “Seis passeios pelos bosques da ficção”, em que Umberto Eco (1994) escreve uma miscelânea textual composta por autor-modelo, narrador, autor-empírico e entidades mais vagas para confundir o leitor. A obra é *Gordon Pym*, de Poe. “Duas partes dessas aventuras foram publicadas em 1837, no *Southern Literary Messenger* [...]” (ECO,1994, p.24). (ver figura 1)

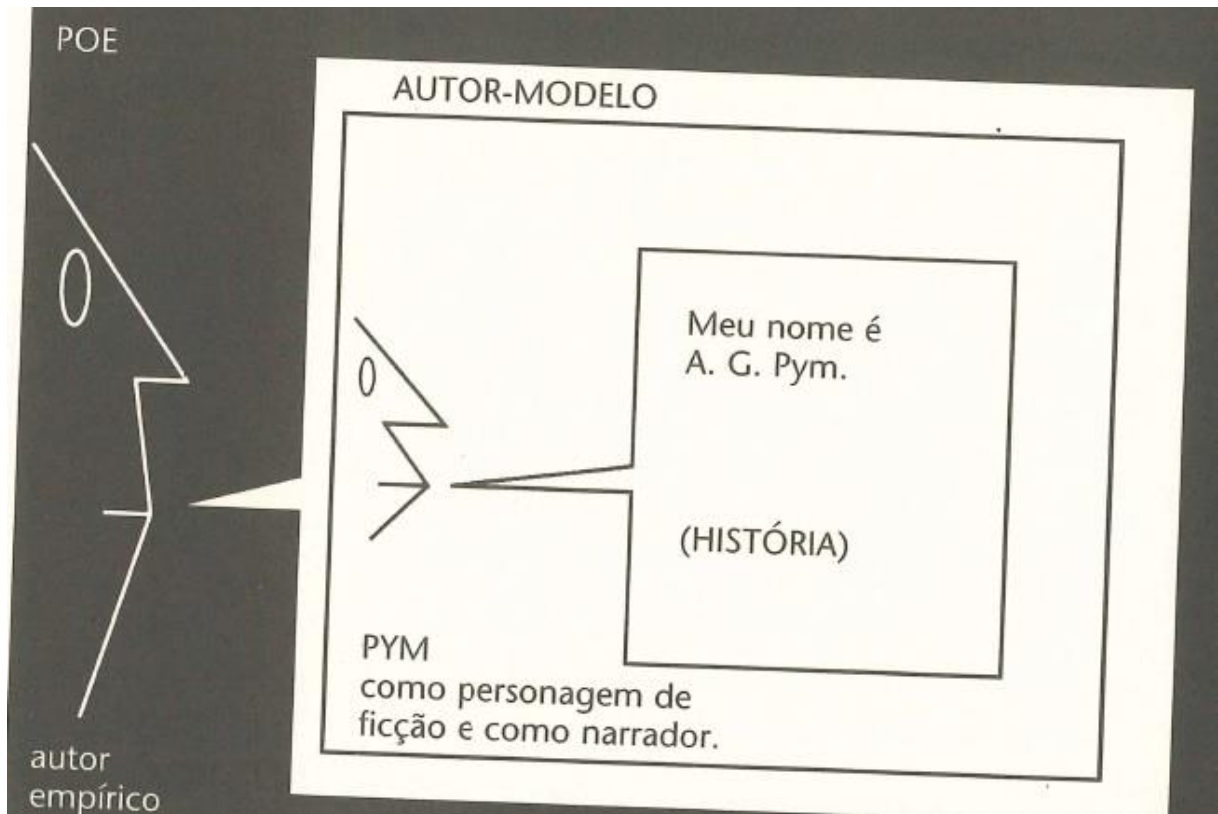


Figura 1 (ECO, 1994, p.25)

Segundo Eco (1994, p. 24), a narrativa começa com “‘Meu nome é Arthur Gordon Pym’ e, desse modo, apresentava um narrador na primeira pessoa, porém trazia o nome de Poe como o autor empírico”. O texto completo em forma de livro foi publicado em 1838, e o prefácio foi assinado por “A. G. Pym”,

[...] que apresentava as aventuras como fatos e dizia aos leitores que, no *Southern Literary Messenger*, “o nome do Sr. Poe foi acrescentado aos artigos”, porque ninguém teria acreditado no relato, de maneira que não haveria problema em apresentá-lo “sob a aparência de ficção” (ECO,1994, p.24).

Desse modo, o Sr. Pym se intitula como autor empírico. E, além de narrador de uma história verdadeira, também escreve um prefácio que não faz parte

do texto narrativo, mas de um paratexto, logo, o Sr. Poe se torna o pano de fundo, como se não fosse personagem do texto, mas do paratexto (ver figura 2, abaixo).

Nas palavras de Gérard Genette (1976), o paratexto

[...] é constituído pela relação geralmente menos explícita e mais distante, que, no conjunto formado por uma obra literária, o texto propriamente dito mantém com o que se pode nomear simplesmente seu paratexto: título, subtítulo, intertítulos, prefácios, posfácios, advertências, prólogos, etc.; notas marginais, de rodapé, de fim de texto; epígrafes; ilustrações; release, orelha, capa, e tantos outros tipos de sinais acessórios, autógrafos ou alógrafos, que fornecem ao texto um aparato (variável) e por vezes um comentário, oficial ou officioso, do qual o leitor, o mais purista e o menos vocacionado à erudição externa, nem sempre pode dispor tão facilmente como desejaria e pretende. (GENETTE, 2010, p.15)

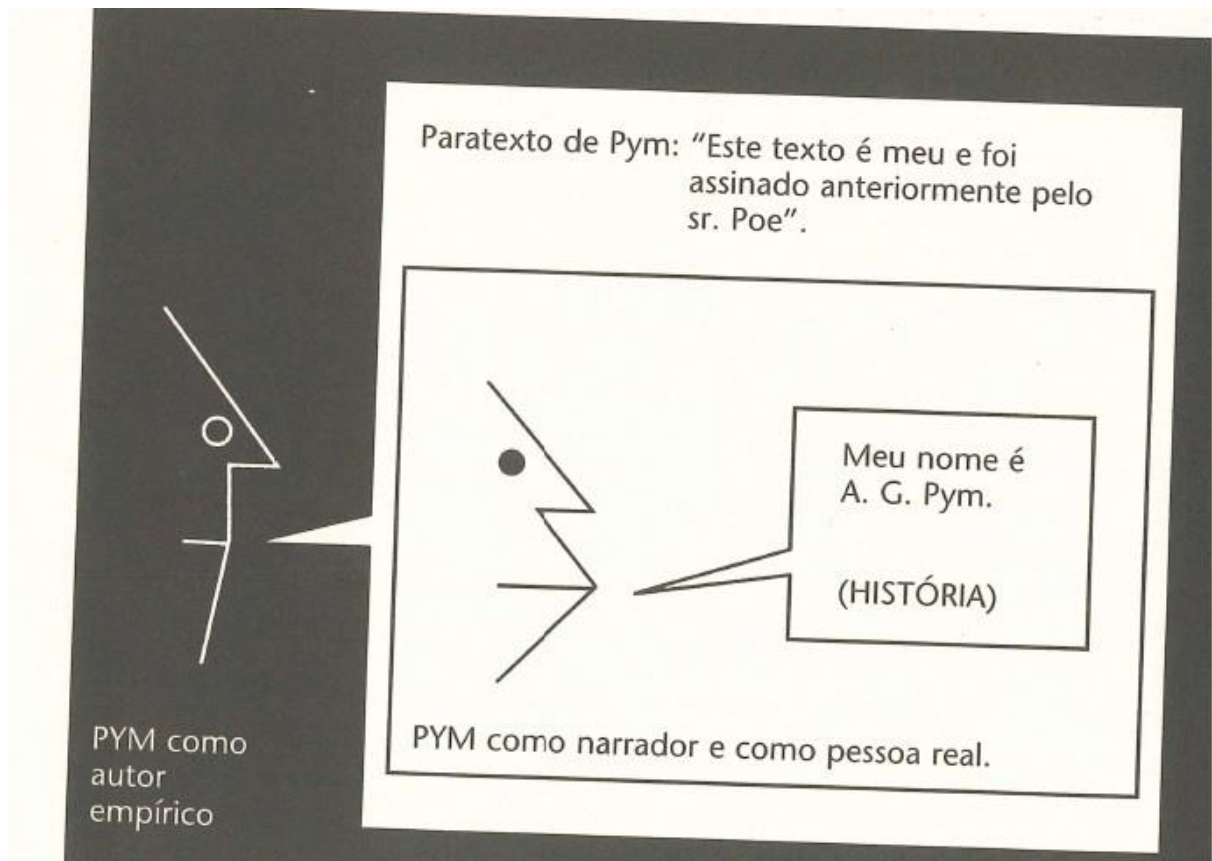


Figura 2 (ECO, 1994, p.25)

Contudo, no final da história, exatamente quando ela se interrompe, há uma nota explicando que os últimos capítulos se perderam em função da "morte recente, súbita e dolorosa do Sr. Pym", morte da qual "o público deve ter tomado conhecimento pelos jornais diários". Essa nota não traz assinatura (e certamente não foi escrita pelo Sr.

Pym, a cuja morte se refere), não pode ser atribuída a Poe, porque diz que o Sr. Poe foi o primeiro editor e até o critica por não ter sabido captar a natureza criptográfica das figuras que Pym incluía no texto. Nesse ponto, o leitor é levado a crer que Pym é uma personagem fictícia que fala não só como o narrador, mas também no começo do prefácio, o qual se torna, assim, parte da história e não do paratexto. (ECO,1994, p.26).

Se aplicarmos essa teoria à obra analisada por este trabalho, o autor empírico seria Ishiguro – e Mr. Stevens ocuparia o lugar de Pym apenas no momento em que é narrador e personagem da história que conta (ou seja, na figura 1).

Retomando as palavras dos autores, “há, nos textos ficcionais, um profundo imbricamento de vozes” (SANTOS & OLIVEIRA, 2001, p.3). Elas pertencem aos personagens, contudo são veiculadas pela fala do narrador. Neste sentido, ouvimos Lord Darlington, Miss Kenton e todos os outros personagens através de Mr. Stevens, mas o narrador também pode ser personagem. Stevens, além de ser o sujeito da enunciação ficcional, também o é de muitos discursos. Ishiguro é dono da linguagem agregadora e múltipla, pois a voz dele é a mesma do autor. Stevens assume, em sua posição de narrador, o foco, a visão, o ponto de vista e perspectiva da narrativa. Para os autores,

Esse encaminhamento teórico – que pressupõe uma direção que vai do olho ao olhar, do olhar para o perceber, e do perceber para o ser – é a estratégia encontrada para reconhecer, na ficção, o sujeito. (SANTOS & OLIVEIRA, 2001, p.4)

Desse modo, Stevens, pode ser entendido como narrador autodiegético (Gérard Genette, 1976), pois, está dentro de um dos três tipos de visão,

b) Visão com – Visão característica das narrativas escritas em primeira pessoa, em que há a presença do narrador-personagem. Nesse tipo de literatura, o narrador conhece – ou finge conhecer – tanto quanto as personagens. É o caso da narrativa que utiliza o monólogo interior. Aqui, o narrador é autodiegético, ou seja, relata as suas próprias experiências como personagem central da história. (SANTOS & OLIVEIRA, 2001, p.6-7)

Pode-se retirar da obra de Ishiguro muitas interpretações sobre os personagens, bem como do lugar em que a narrativa acontece. Assim, o autor não tem controle sobre os sentidos que do texto podem emanar. Segundo os autores, “A verdade não estaria mais na intenção autoral, mas na própria estrutura da obra. O

trabalho do crítico passa a ser o de explorar minuciosamente cada nuance do texto para desvendar seus segredos” (SANTOS & OLIVEIRA, 2001, p.12).

Tais segredos podem ser percebidos no orgulho que o mordomo tem do próprio trabalho. Rememorando o passado, Mr. Stevens relembra os vários detalhes que marcaram a sua experiência de trabalho e termina observando como desperdiçou a vida. Para Rushdie (1991), “*Yet it is Stevens's longing for such 'greatness' that wrecked his one chance of finding romantic love; hiding within his role, he long ago drove Miss Kenton away, into the arms of another man*”² (RUSHDIE, 1991, p.245).

A perda do amor de Miss Kenton está diretamente relacionada ao fato de Mr. Stevens levar em consideração a relevância em dar ênfase à posição social de mordomo – que significa a grandeza do mundo dele.

Empregado de carreira, Stevens acredita que renome era sinônimo de trabalhar para influentes figuras britânicas. Com o passar do tempo, mesmo que essa necessidade de demonstrar a todos que ser mordomo na casa de um homem respeitável tenha entrado em declínio percebe-se que o protagonista, relutante, tenta demonstrar que essa característica ainda permanece muito ativa em sua trajetória com o atual patrão, Mr. Farraday, pois ele levava muito a sério seu trabalho.

An expedition, I should say which I will undertake alone, in the comfort of Mr. Farraday's Ford; an expedition, which, as I foresee it, will take me through much of the finest countryside of England to the West Country [...]. (ISHIGURO, 1989, p.3)³

Mesmo passados muitos anos após Stevens ter trabalhado na casa do aristocrático Lord Darlington, existem traços nele de severa disciplina refletida em seu comportamento. Ao revelar a marca do carro, confirmamos que ele exulta a posição social do patrão e conseqüentemente a sua de mordomo. Assim, ele se sente satisfeito em reafirmar sua *dignity*. Na narrativa, esse termo significa, a partir da perspectiva de Mr. Stevens, a ascensão profissional suprema. Ele pensa sua trajetória apenas pelo lado profissional, tendo como essa a sua filosofia de vida.

² “Foram os anseios de Steven por tal grandeza que naufragaram a sua única chance de encontrar amor romântico, ele desde a muito impeliu Miss Kenton para longe de si, para os braços de outro homem”. (Nossa tradução)

³ “Uma expedição, devo dizer, que empreenderei sozinho, no conforto do Ford de Mr. Farraday, expedição que, é de se prever, me fará passar pelo que há de melhor na paisagem campestre da Inglaterra até a região Oeste [...]”. (ISHIGURO, Tradução José Rubens Siqueira, 2003, p.11 e 12)

Ao atribuir grande importância à posição social de mordomo, (profissionalmente), que acontece concomitante a posição social do patrão (influência social elevada) Stevens usa seu conhecimento restrito – por não conhecer outros lugares fora da Inglaterra – para falar a respeito das belas paisagens Inglesas, que considera as mais bonitas do mundo.

No discurso de Stevens, seu conhecimento por lugares da Inglaterra está relacionado ao seu emprego de mordomo, então essa perspectiva poderá ser vista por dois vieses diferentes: a de que seu conhecimento sobre a Inglaterra parte do discurso das pessoas que frequentavam Darlington Hall e de suas visitas frequentes à biblioteca, que rendiam-lhe algumas horas de estudo de mapas, enciclopédias e romances durante os momentos de folga.

[...] a replay to the effect that those of our profession, although we did not see a great deal of the country in the sense of touring the country-side and visiting picturesque sites, did actually “see” more of England than most, placed as we were in houses where the greatest ladies and gentlemen of the land gathered. Of course, I could not have expressed this view to Mr. Farraday without embarking upon what might have seemed a presumptuous speech. (ISHIGURO, 1989, p. 4)⁴

É dessa forma que o fragmento acima citado esclarece nitidamente a maneira como Stevens desenvolve suas habilidades intelectuais, ou seja, por meio de livros e dos discursos de influentes figuras britânicas frequentadoras de Darlington Hall. Assim, o protagonista se atenta que Mr. Farraday, apesar de ser um endinheirado estadunidense, não compreende que ele não sente a necessidade de sair da casa para conhecer outros lugares, até o momento em que a carta de Miss Kenton começou a ter relevância olhando pelo lado profissional.

The fact that my attitude to this same suggestion underwent a change over the following days – indeed, that the notion of a trip to the West Country took an ever-increasing hold on my thoughts – is no doubt substantially attributable to – and why almost seven years If one discounts the Christmas cards. But let me make it immediately clear what I mean by this; what I mean to say is that Miss Kenton’s letter set off a certain chain of ideas to do with professional matters here at Darlington Hall, and I would underline that it was a preoccupation with

⁴ [...] as pessoas de nossa profissão, embora não vejam muito o campo no sentido de viajar pelo interior e visitar locais pitorescos, na verdade “veem” mais da Inglaterra que a maioria, empregados como estávamos em casas onde se reuniam grandes damas e cavalheiros. Evidentemente, não podia dizer uma coisa dessas a Mr. Farraday sem enveredar por um discurso que poderia parecer presunçoso. (ISHIGURO, Tradução José Rubens Siqueira, 2003, p.12)

these very same professional matters that led me to consider anew my employer's kindly meant suggestion (ISHIGURO, 1989, p.04-05)⁵.

Pensativo sobre a viagem, o mordomo tem dúvida em deixar a mansão, mas acaba aceitando o convite para viajar, quando lembra que precisa fazer uma nova equipe de empregados para a casa, algo que, no momento, era de extrema importância, já que de 28 empregados no período de Lord Darlington, passariam a ser quatro empregados fixos, não contando duas faxineiras por semana e um jardineiro.

Portanto, Mr. Farraday é o novo dono norte-americano da mansão, atual patrão de Stevens nos dias atuais, que substitui Lord Darlington em Darlington Hall. Seu modo de vida é diferente de seu antecessor, e grande parte da enorme casa é fechada para acomodar a sua vida mais simples e com sua equipe menor.

Lord Darlington era um imponente cavalheiro Inglês, o Sr. Farraday também é um cavalheiro porém, norte americano, ele vem de uma perspectiva diferente. Sua maneira de tratar Stevens é muito reveladora. Ele conversa com Stevens de forma cômica e descontraída, fazendo-o se sentir como se ele devesse responder a conversa com algum comentário espirituoso.

But I must say this business of bantering is not a dut I feel I can ever discharge with enthusiasm. It is all very well, in these changing times, to adapt one's realm; but bantering is of another dimension altogether⁶. (ISHIGURO, 1989, p.16)

Não acostumado com esse tipo de tom mais engraçado e descontraído, Stevens se vê em uma situação bastante desconfortável, pois demonstra dificuldade em retornar algum comentário cômico com a mesma graça ou algo parecido. Ele sente a perda da formalidade e o choque cultural com o modo de vida americano de

⁵ O fato de minha reação a essa mesma sugestão ter se transformado ao longo os dias seguintes (na verdade, a ideia de uma viagem à região Oeste foi dominando cada vez mais meus pensamentos) deve, sem dúvida, ser atribuído (por que negar?) à chegada da carta de Miss Kenton, a primeira em quase sete anos, descontando os cartões de Natal. Mas permita que eu esclareça já o que quero dizer com isso; o que quero dizer é que a carta de Miss Kenton despertou uma certa cadeia de idéias referentes a questões profissionais aqui em Darlington Hall, e quero deixar bem claro que foi minha preocupação com essas questões profissionais que me levou a reconsiderar a gentil sugestão de meu patrão. (ISHIGURO, Tradução José Rubens Siqueira, 2003, p. 13)

⁶ Mas devo dizer que brincadeiras não são uma tarefa que eu me sinta capaz de realizar com entusiasmo. Está muito bem, em nossos tempos de transformação, adaptar o trabalho de uma pessoa para abranger tarefas não tradicionalmente pertencentes ao âmbito, mas o gracejo pertence a uma outra dimensão inteiramente diferente (ISHIGURO, Tradução José Rubens Siqueira, 2003, p. 25).

Mr. Farraday. O velho mundo está passando, e Stevens encontra-se passando com ele. O fato de que ele é um mordomo, mostra o interesse do autor em expor o coração de um homem que trabalha em uma profissão que está morrendo.

Dentro dessa perspectiva, a temporalidade no romance além de percorrer as nuances do presente e passado, é sistematizada sob a forma de flashbacks entre a I Guerra Mundial – quando o mordomo relembra vários acontecimentos presenciados na mansão Darlington Hall, que pertencia ao seu primeiro patrão Lord Darlington – e o ano de 1956, época posterior a Segunda Guerra Mundial, em que o dono da mansão passa a ser Mr. Farraday, um norte-americano que provoca certo estranhamento no protagonista devido à sua maneira descontraída de interagir com ele, fato este, demasiado diferente pensando a partir do contexto do protagonista.

Nesse passo, nos deparamos com o tempo histórico, que representa a duração das formas históricas na trajetória dos personagens. E com isso, esse tempo se divide em intervalos curtos e longos. Segundo o Nunes (2003, p. 21), “Os intervalos curtos do tempo histórico se ajustam a acontecimentos singulares: guerras, revoluções, migrações, movimentos religiosos, sucessos políticos”.

O autor complementa dizendo que,

[...] o tempo histórico como um processo de ritmo variável e não uniforme – lento na Idade Média, célere na Idade Moderna, quando se reforça com a conquista da consciência histórica, isto é, com a consciência de que os momentos passados, sob forma de herança acumulada, continuam agindo sobre o presente (NUNES, 2003, p.21).

Neste sentido, podemos pensar na maneira como Stevens e os empregados de modo geral eram tratados na Inglaterra, no contexto da obra, com muita formalidade e rigidez. As relações de poder entre patrão e empregado eram estritamente profissionais. Não podemos deixar de lembrar o impacto cultural que Stevens sofre ao se deparar com o comportamento mais espirituoso de seu novo patrão Mr. Farraday.

Na convivência com ele, Stevens sente o peso das mudanças do novo período que está vivendo; ele acompanha a transferência de dono da casa em que dedicou toda sua trajetória profissional. “I will have to point out how diferente things are now – that the days of working with a grand staff at one’s beck and call will never

return within our lifetime” (ISHIGURO, 1989, p.50)⁷. Esse fato o afeta de maneira significativa, porém ele não admite que tais mudanças tenham desestruturado seu ideal de mordomo que trabalha para um Lord inglês. Afinal, podemos observar que na narrativa, a família de Lord Darlington e a distinta mansão, representam o ápice da tradição inglesa. E, assim, ele omite seu profundo descontentamento com seu novo patrão estadunidense atribuindo tais erros ao inadequado planejamento de pessoal.

What had occurred was this. Once the transactions were over – transactions which had taken this house out of the hands of the Darlington Family after two centuries – Mr. Farraday let it be Known that he would not be taking up immediate residence here, but would spend a further four months concluding matters in the United States. In the meantime, however, he was most keen that the staff of his predecessor – a staff of which he had heard high praise – be retained at Darlington Hall (ISHIGURO, 1989, p.6).⁸

Stevens viaja no tempo presente relembando o passado, e ao fazer isso entra em um processo de rememoração, mas não se da conta de que tudo o que fazia sentido pra ele quando ainda trabalhava para seu primeiro patrão se desfez. Desse modo, ele tenta manter o valor do seu trabalho, mas, com a queda da posição de mordomo, este trabalho se vê diante de uma progressiva perda de sentido. De modo geral, a dedicação à profissão passa a ser considerada pouco importante após a venda da mansão,

Numa reação direta contra a tendência de nossa época no sentido de valorizar apenas o novo e a novidade, ele nos faz voltar a um passado repensado, para verificar o que tem valor nessa experiência passada, se é que ali existe mesmo algo de valor. Mas a crítica de sua ironia é uma faca de dois gumes: o passado e o presente são julgados um à luz do outro. (HUTCHEON, 1991, p. 63)

Essa dimensão temporal que nos propomos a discutir sobre a trajetória de Stevens está direcionada com o campo da subjetividade, pois.

⁷ Terei de lhe revelar como as coisas agora são diferentes, e que provavelmente os dias de trabalho com um grande número de empregados à disposição não voltarão jamais (ISHIGURO, Tradução José Rubens Siqueira, 2003, p. 60-61).

⁸ O que aconteceu foi o seguinte. Quando as transações foram concluídas (transações que, depois de dois séculos, removeram esta casa das mãos da família Darlington), Mr. Farraday comunicou que não iria residir aqui imediatamente, mas sim passaria mais quatro meses concluindo alguns assuntos nos Estados Unidos. Nesse período, porém, ele gostaria muito que o pessoal de seu predecessor – pessoal que tinha ouvido ser altamente recomendado – permanecesse em Darlington Hall (ISHIGURO, Tradução José Rubens Siqueira, 2003, p.14).

O tempo subjetivo caracteriza-se pela sua reversibilidade de deslocamento no passado, assim como pela sua relação com nossa vivência, sensações e pensamentos. Em qualquer obra ou texto literário poético, narrativo, ficcional ou não o tempo é uma categoria inseparável do estatuto real ou imaginário dos seres, objetos e das situações que nos são apresentadas. (BAPTISTA, S.N., p.46-47)

Em vários momentos, podemos observar uma diferença temporal na narrativa, pois ao mesmo tempo em que o mordomo retoma o passado enquanto viaja, ele relembra acontecimentos marcantes durante seus anos trabalhando para um homem de renome.

A experiência da sucessão dos nossos estados internos leva-nos ao conceito de tempo psicológico ou de tempo vivido, também chamado de duração interior. O primeiro traço do tempo psicológico é a sua permanente descoincidência com as medidas temporais objetivas. Uma hora pode parecer-nos tão curta quanto um minuto se a vivemos intensamente; um minuto pode parecer-nos tão longo quanto uma hora se nos entediamos. Variável de indivíduo para indivíduo, o tempo psicológico, subjetivo e qualitativo, por oposição ao tempo físico da Natureza, e no qual a percepção do presente se faz ora em função do passado ora em função de projetos futuros, é a mais imediata e mais óbvia expressão temporal humana. Veremos a extensão que o tempo psíquico, como tempo humano, adquiriu na ficção. (NUNES, 2010, p. 18-19)

Nessa esteira, percebemos em vários momentos as retomadas temporais de Mr. Stevens. Agora colocamos em discussão o tempo da obra literária. Segundo o autor, “[...] no plano imaginário, o tempo não é apresentado senão através dos acontecimentos e suas relações, salvo quando ocorrem assinalando momentos ou fases e expressões temporais (**antes, mais tarde, neste momento, etc.**” (Nunes, 2003, p.24).

“Such difficulties as these tend to be all the more preoccupying nowadays [...]”, “Indeed, in those busy days, our servants’ hall would ofen [...]” (p.18), “I mentioned a moment ago Mr. Graham, the valet-butler to Sir James Chambers. In fact, some two months ago, I was most happy to learn [...]”(ISHIGURO, 1989, p.19)⁹.

Além dos marcadores de tempo que assinalam as nuances entre presente e passado, a dignidade é um tema-chave na obra *The Remains of the day*. Para Mr. Stevens a dignidade torna-se a virtude suprema de um mordomo. A trama caminha

⁹ “Dificuldades assim tendem a ser ainda mais preocupantes hoje em dia [...]”(p.26), “Na verdade, naqueles dias movimentados, a ala de criados muita vezes [...] (p.27) “Há pouco mencionei Mr. Graham, o valete-mordomo de Sir. James Chambers Na verdade faz uns dois meses, tive a satisfação de saber [...]” (ISHIGURO, Tradução José Rubens Siqueira, 2003, p.28).

entre a formalidade da profissão e dos conflitos emocionais que ocorrem pela busca infundável do status social da profissão de mordomo.

Para tanto, a admiração e o amor de Stevens por sua profissão pode ser entendida como uma metáfora da diplomacia, à medida que, ele abre mão de sua vida pessoal, para se dedicar por completo à carreira profissional. No fim do romance Stevens, ao reencontrar Miss Kenton desperdiça, como o nome da obra sugere, sua última chance de recomeçar. Ele reconhece e sente a dor das decisões que tomou no passado, mas não tenta mudar o presente, voltando para a mansão para continuar sua vida de mordomo arruinado e solitário.

De modo geral a obra traça uma linha tênue entre amor, relacionamento, vidas desperdiçadas, mudanças sociais, escolhas decisivas, viagens e finais incompletos. Ao final da narrativa, observamos uma trajetória traçada pelo personagem protagonista Mr. Stevens que foi em busca de seus ideais, mas que na verdade assumiu uma posição de inacabamento frente aos acontecimentos narrados. A posição de inacabamento deve-se ao fato de que o personagem protagonista, ao final da obra, apresentou uma trajetória incompleta.

Essa incompletude atinge o leitor pelo fato de que, Mr. Stevens tem a chance de finalmente se entender com seu par dentro da narrativa, Miss Kenton, mas não o faz, e ela também se encontra na mesma posição que ele, de não voltar atrás, talvez pelo fato de sempre se deparar com a dureza de Stevens. O fim da obra é um momento de negação, de um não recomeço, de um não acreditar, de um não tentar, desse modo, atribuo a este cenário o nome de inacabado, pois Mr. Stevens não percebe, ou não quer perceber, o potencial que tem em alterar o rumo dos eventos.

Um ponto importante a se discutir é que, esta decisão, de fazer um final para a narrativa é pura e exclusiva do autor da obra. A discussão apresentada neste trabalho aborda as singularidades e a análise das reminiscências de Mr. Stevens entre ambos os personagens, então, a atribuição de inacabado à narrativa, surge de um desfecho que, de acordo com as análises e reflexões da obra, parece estar mal resolvido.

Referências

BAPTISTA, A. M. H. **Tempo-memória no romance**. 3ª ed. S.L. Catálise Editora, S.N.

GÉNETTE, G. **Discurso da narrativa: ensaio de método**. Tradução Fernando Cabral Martins, Lisboa: Arcádia, 1976.

____. **Palimpsestos: a literatura de segunda mão**. Tradução Cibele Braga et al. Belo Horizonte: Viva voz, 2010.

HUTCHEON, L. **Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção**. Tradução Ricardo Cruz, Rio de Janeiro: Imago, 1991.

ISHIGURO, K. **Os resíduos do dia**. Trad. de José Rubens Siqueira. – São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

____. **The remains of the day**. London: faber and faber, 1989.

NUNES, B. **O tempo na narrativa**. São Paulo: Ática, 2003.

RUSHDIE, S. **Imaginary homelands: essays and criticism, 1981-1991/** London; New York, USA: Granta Books: In association with Penguin Books, 1991.

SANTOS, L. A. B.; OLIVEIRA, S. P. de. **Sujeito, tempo e espaço ficcionais: Introdução à teoria da literatura**. São Paulo: Martins fontes, 2001.

ECO, U. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. Trad. Hildegard Feist. – São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

Recebido em 28 de fevereiro de 2014
Aprovado em 03 de novembro de 2014